

História e memória do Congo: contribuições da educação não formal

History and memory of the Congo: contributions of non-formal education

Juliana Casotto Pirchiner

Prefeitura Municipal de Cariacica

Paulo Cesar da Silva Passamai

Prefeitura Municipal de Cariacica

Eduardo Augusto Moscon Oliveira

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Este artigo discute as contribuições da história e memória no processo de educação não formal, por meio da manifestação cultural do Congo do Espírito Santo, patrimônio cultural imaterial. A memória é elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual ou coletiva, sendo este fator determinante no pertencimento de uma pessoa ou de um grupo. As festas de Congo enquanto patrimônio imaterial promovem a identidade dos integrantes e fortalece as relações sociais em que compartilham valores e trocas simbólicas, adquirindo significados individuais e se unem coletivamente, resolvendo por meio dos festejos num plano simbólico as contradições da vida social aparentemente inconciliável no plano político. O Congo é um espaço de resistência, rico, que abre possibilidades de uma educação voltada para a preservação, conservação e valorização cultural reconhecendo a produção de conhecimento existente neste espaço e de divulgação do conhecimento histórico produzido nestes grupos e comunidades.

Palavras-chave: História; Memória; Educação não formal; Congo.

Abstract: This article discusses the contributions of history and memory in the process of non-formal education, through the cultural manifestation of the Congo of Espírito Santo, intangible cultural heritage. Memory is a constituent element of the feeling of identity, both individual or collective, and this determining factor in the belonging of a person or group. The Congo festivals as an intangible heritage promote the identity of the members and strengthen the social relations in which they share values and symbolic exchanges, acquiring individual meanings and collectively joining, resolving through the celebrations on a symbolic plane the contradictions of social life apparently irreconcilable at the political level. The Congo is a space of resistance, rich, which opens possibilities for an education focused on the preservation, conservation and cultural valorization recognizing the production of existing knowledge in this space and dissemination of historical knowledge produced in these groups and communities.

Keywords: History; Memory; Not formal education; Congo.

INTRODUÇÃO

A memória e história são fundamentais para resgate das vivências humanas ao longo do tempo, sendo fruto da interação humana no mundo por meio de suas experiências individuais e coletivas. Le Goff (1990) destaca a importância do conceito de memória como elemento crucial nas ciências humanas, sobretudo, no que se refere a memória coletiva. Le Goff apoiado em Leroi-Gourhan divide o estudo da memória em três tipos: memória específica, memória étnica e memória artificial, dando destaque a chamada memória étnica, que, segundo Le Goff, esse termo reserva-se especificamente a memória coletiva dos povos sem escrita, enfatizando que tanto nas sociedades sem escrita, quanto nas sociedades ditas modernas, a memória faz parte da vida cotidiana.

Halbwachs (1990) em sua obra memória coletiva destaca a importância da relação intrínseca entre a memória individual e coletiva, enfatizando que “nossas lembranças permanecem coletivas” mesmo que se trate de acontecimentos vivenciados individualmente, pois compreende que a realidade vivida faz parte de um processo de interação com o outro o qual construímos e damos sentido à vida.

A memória é elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual ou coletiva, sendo este fator determinante no pertencimento de uma pessoa ou de um grupo. Os acontecimentos, as personagens e os lugares que fazem parte das vivências dos sujeitos, constituem a memória como fenômeno individual e social. A memória é campo de disputa entre os diversos grupos que compõem a sociedade (SANTOS, 2013).

Nesse sentido, destacamos a importância da memória e oralidade, que de acordo com Thompson (1992) possibilita que a experiência de vida das pessoas possa contribuir para uma nova dimensão da história, pois permite dar voz a todos os sujeitos independente de sua classe social, além disso ela “traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade” (p.44).

Compreendermos a relevância de abordar como as memórias e as histórias presentes na manifestação da cultura do Congo contribuem como espaços de educação não formal e até mesmo na educação formal, na perspectiva de Chassot (2003), da ciência na sua totalidade. De acordo com Santos (1989) a partir do final do século XIX e início do século XX surge uma nova concepção de ciência que busca romper com o modelo estático da ciência levando assim, a uma nova ruptura epistemológica. Essa ruptura leva à

compreensão de que todo conhecimento é uma prática social, sendo por si só fruto de uma sociedade complexa.

O exposto acima se relaciona com os saberes e fazeres das Bandas de Congo¹. Como Cazetta e Gurudi (2014) mostram, os seres humanos, enquanto sujeitos identitários, participam das práticas sociais e por meio delas, constroem e reconstróem os saberes de acordo com as significações próprias que eles dão para esses processos.

Pessoas são instituidores de sentido e a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam, conforme destaca Hall (1997).

Não obstante o Congo é um espaço de construção de identidade individual e coletiva, é uma prática cultural de representação da realidade e da resolução de conflitos dos atores imersos nesta manifestação que está contida a educação não formal como produção de conhecimento defendida por Gohn (2011). Este artigo busca discutir as contribuições do Congo como espaço em que a educação não formal se configura tendo como base a história e memória.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste artigo foi a pesquisa bibliográfica. Foi realizado levantamento, busca e estudo de material existente de material físico e na internet sobre os conceitos abordados e o tema proposto. Adotamos esta metodologia com base em Gil (1994) por enfatizar que a pesquisa bibliográfica possibilita uma ampla abrangência de informações, permitindo a construção e melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Congo é tido como a representação da cultura capixaba e é hoje uma das maiores manifestações culturais do estado do Espírito Santo, tão expressiva que até 2009 o Atlas do Folclore Capixaba contabilizou 61 grupos em todo território capixaba, sendo reconhecida pelo poder estadual oficialmente como primeiro patrimônio imaterial.

Tal a importância desses grupos que personagens ilustres da história do Brasil Colônia como Dom Pedro II registrou em visita ao litoral do Espírito Santo, especificamente em Vila de Nova Almeida o instrumento típico das bandas, um

¹ Muitos autores utilizam na escrita de congo e bandas de congo com letras iniciais minúsculas, como não há consenso para a escrita do nome desses grupos, optamos pelo termo Bandas de Congo e Congo com iniciais maiúsculas.

característico reco-reco de cabeça esculpida e anotou em seu diário o nome indígena a ele dado, cassaca², hoje popularmente chamado de casaca.

Estes grupos são um conjunto musical típico do estado, com semelhanças e diferenças entre as Bandas que se apresentam em festas homenageando santos católicos, com destaque para São Benedito e São Sebastião, em momentos como cortada, puxada e fñcada de um dos seus símbolos, o mastro. O mastro, em muitos grupos, é carregado por um barco rústico feito e montado sobre um carro de boi ou arrastado pelas ruas. Lins (2009, p. 96) destaca que “basicamente, a festa se dá em quatro etapas: cortada do mastro, dias antes da festa, compreendendo a derrubada da árvore escolhida, seguida da puxada, do levantamento e da fñcada do mastro”.

Com número variável de homens e mulheres cantam e dançam tocando casacas e tambores, este último, alguns grupos nomeiam de congos, fazendo melhor referência ao termo da banda. A festa ocorre em organizados cortejos acompanhados de fogueteiro.

Segundo Lins (2009) inicialmente estes grupos se chamavam “bandas de índios”, posteriormente “bandas de tambor”, passaram a serem denominadas “bandas de congos” e atualmente simplificadas a bandas de congo e esclarece que a procedência do termo “congo” remete ao Reino do Congo, localizada na Bacia do Rio Zaire na África.

Bravin (2008) afirma que a tradição do congo é a aproximação entre as culturas africanas e indígena com elementos europeus, do português. Esta autora destaca o casamento musical, a combinação entre diferentes grupos culturais. Nestes grupos fica evidente os traços indígenas nas toadas monotemáticas, casacas, chocalhos e tambores de pau oco que hoje foram adaptados aos materiais disponíveis, como barricas de vinho, tubos de PVC e MDF (Medium Density Fiberboard.). Os traços africanos de origem bantu com padrão musical “luba” marca o ritmo acelerado, e a dança são características do congo atual. Nos traços europeus de origem portuguesa observa-se na maioria das cantigas das bandas na atualidade o tonalismo, que é um sistema harmônico ocidental, trata-se de um padrão melódico de letras do melodário português.

Para a autora,

[...] o ritmo das bandas de congo do Espírito Santo contém, ao mesmo tempo, elementos particulares e universais. O que o particulariza são os significados construídos em torno desses grupos, junto às comunidades rurais ou periféricas, onde funcionam como elementos de coesão, identidade e memória, relacionando-se à fé. (BRAVIN, 2008, p. 19).

² Disponível em: http://www.ape.es.gov.br/espirtosanto_negro/historia_congo.htm acesso em 30 out. 2020.

Assim de raízes indígena, africana e europeia esta manifestação se perpetua de geração em geração por meio da história oral e da memória, configurando-se como espaço de educação não formal em que os sujeitos se apropriam e nutrem o sentimento de pertencimento junto a manifestação e sua comunidade. As Bandas de Congos são assim um reflexo do modo de ser e viver de seus membros que a ressignificam e dão identidade a comunidade e ao grupo. A festa popular do Congo compreende o profano e o sagrado, diversão e devoção e assim se compõem e se complementam.

A manifestação ocorre em espaços não formais de educação, pois são espaços que não compreende o ambiente escolar. Marandino (2004) enfatiza que no Brasil em especial, a educação não formal toma forma a partir das experiências da educação popular, com ênfase na formação para a cidadania, tendo uma característica singular. Essa afirmação se aproxima da perspectiva adotada neste estudo tendo em vista o objeto abordado relativo a manifestação cultural das Bandas de Congo capixabas.

O processo de integração e interação do sujeito no grupo cultural pode ser considerado um processo educativo não formal, uma vez que busca por meio da cultura formar o indivíduo para sua atuação dentro e fora da banda, lendo o mundo a partir da ótica cultural.

Para Gohn (2011) a educação não formal é uma possibilidade de produção de conhecimento que abarca territórios fora das estruturas curriculares da escola, tendo como escopo de trabalho a formação do indivíduo para o mundo criando canais de aprendizagem que poderão levá-lo a emancipação das formas de pensar e agir socialmente, aprendendo a fazer leituras próprias do mundo em que vive.

A autora ressalta que a educação não formal não visa substituir ou competir com a educação formal. Defende que é preciso agregar ao ensino formal conteúdo da educação não formal, como conhecimentos relativos às motivações, situação social e origem cultural.

Quando se fala em cultura é preciso situar qual conceito se tem sobre o termo, pois cultura envolve uma diversificada e complexa definição. Cultura vem do verbo latino colere e significa cultivo e cuidado. Ao falar da manifestação cultural do Congo uma das melhores definições de cultura que se pode atrelar a esta é a dada por R. Benedict que enfatiza que “Cultura é como lente através da qual o homem vê o mundo” (apud LARAIA, 1997, p.69). E podemos entender que é através da linguagem do Congo que seus membros leem o mundo e o representam por meio dos papéis e artefatos simbólicos na festa do Congo.

Pirchiner (2018) reforça o caráter educativo e a importância da memória e da oralidade no Congo. Para a autora o Congo tradicional, não espetacularizado para o consumo, conecta a comunidade que pertence com a tradição específica, enraizando seu próprio ser. As bandas produzem conhecimento por meio de sua prática e esses saberes são transmitidos pela oralidade, através da memória do grupo. E são as toadas, músicas próprias desses grupos, que se mostram fundamentais para o fortalecimento e sentimento de pertencimento na Banda. As letras das toadas cantam coisas do cotidiano dos congueiros/conguistas, carregam sentidos de ser, viver e ver o mundo, marcando a identidade do grupo e de cada integrante e sua relação com o ambiente, sendo grandes potencializadores da cultura, da ciência e da educação.

As Bandas de Congo são assim um espaço de produção de conhecimento que é transmitido de forma oral e de geração em geração por meio de sua história e das memórias de seus integrantes.

As Bandas de Congo são espaços não formais de educação em que a educação não formal se faz presente uma vez que abrange uma educação gerada no processo de participação social, em ações coletivas, em que novas formas de associativismo e associacionismo ao redor das organizações sociais são advindas da cultura. (GOHN, 2011).

O Congo é também um patrimônio cultural imaterial de grande importância para a identidade capixaba. Representa ações e formas de expressar de determinados grupos sociais do estado, que em geral são de classes econômicas menos favorecidas, de pequenos produtores rurais, comunidades quilombolas, paneleiras, pescadores e desfiadeiras de siris entre outros grupos minoritários que tem na manifestação um espaço de resistência social e de processo educacional de produção de saberes e fazeres. Como patrimônio cultural tem sua definição como imaterial no o Artigo 216 da Constituição Federal, que definiu o patrimônio cultural brasileiro como o conjunto de bens culturais de natureza imaterial aqueles que se referem à ação, à memória e à identidade dos grupos formadores da sociedade brasileira.

As festas de Congo enquanto patrimônio imaterial promovem a identidade dos integrantes e fortalece as relações sociais em que compartilham valores e trocas simbólicas, adquirindo significados individuais e se unem coletivamente, resolvendo por meio dos festejos num plano simbólico as contradições da vida social aparentemente inconciliável no plano político. Coloca em cena valores e projetos de vida em que a festa é capaz de contextualizar a apreensão social e proporcionar trégua na luta contida. Como prática corporal é um mecanismo de resistência (ANJOS, 2013).

Deste modo as Bandas de Congo sobrevivem as mudanças sociais e econômicas do processo de globalização e urbanização (COSTA, 2012), onde há uma luta social no campo simbólico de materialidade subjetiva, pois é um campo de domínio cultural de um grupo por outro (ANJOS, TAVARES, SANETTO, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A manifestação cultural do Congo é assim um elemento de tradição e inclusão social, uma manifestação peculiar no Espírito Santo que resgata a história oral de índios, negros e europeus e ainda que o moderno transforme os objetos não substitui o passado herdado que promove continuidade.

O Congo é um espaço de resistência, rico, que abre possibilidades de uma educação voltada para a preservação, conservação e valorização cultural reconhecendo a produção de conhecimento existente neste espaço e de divulgação do conhecimento histórico produzido nestes grupos e comunidades.

O Congo tem inúmeras possibilidades de contribuir como espaço de apropriação cultural, campo de conhecimento a ser estudado e compartilhado nos ambientes acadêmicos, bem como a possibilidade de dialogar com a educação escolar complementando a educação formal com a educação não formal como propõe a socióloga Gohn, ao mesmo tempo fortalecer a comunidade e os grupos com valores de pertencimento e identidade coletiva.

Referências

- ANJOS, José Luiz dos. Festa, danças e representações: continuidade de tradições e plasticidades culturais. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 11-30, jul/set de 2013.
- ANJOS, Jose Luiz dos Anjos; TAVARES, Otávio.; SANETO, Juliana Guimarães. Bandas de congo e política oficial: Cenários de tradições e transformações estéticas corporais. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 897-911, out./dez. 2013
- BRAVIN, Adriana. *Congopop: mídia, música e identidade capixaba*. Vitória: Ed. Do autor, 2008. 154 p.
- CAPAI, Humberto. (Coord.) *Atlas do Folclore Capixaba*. Espírito Santo; Sebrae/ES; 2009.
- CAZETTA, Valéria.; GURUDI, Verônica. Alfabetização científica e cartográfica no ensino de ciências e geografia: polissemia do termo, processos de enculturação e suas implicações para o ensino. *Revista de Estudos Culturais*. USP: São Paulo n. 1 (2014) ISSN: 2446-7693. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98376/97111>>. Acesso: 15 jan. 2021.
- COSTA, Michel Dal Col. As bandas de congo mirins: ensino popular e vivência de cultura afro-brasileira na Serra (ES). *Revista História*. Hoje, v. 1, nº 1, p. 157-178 – 2012.
- CHASSOT, Attico. Alfabetização Científica: Uma Possibilidade para a Inclusão Social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 22, p.89-100, jan/fev/mar/abr. 2003.
- GOHN, Maria da Gloria. *Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época, v.1).
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. In: GIL, A. C. *Delimitação da pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1994, p. 49-59.
- HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.22, n.2, p.15-46, jul/dez. 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito antropológico*. 14ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- LE GOFF, J. Memória. In: *História e Memória*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.p.423-483.
- LINS, Jaceguay. *O congo no Espírito Santo: uma panorâmica musicológica das bandas de congo*. Vitória: [s.n.], 2009. 115 p.
- MARANDINO, Martha et al. A educação não formal e a divulgação científica: o que pensa quem faz? In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências*, 5, 2004, Bauru. Atas do IV



Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC, 2004, Bauru/SP.
Disponível em:
<http://paje.fe.usp.br/estrutura/geenf/textos/oquepensa_trabcongresso5.pdf>. Acesso em 15 Jan. 2021.

PIRCHINER, Juliana Casotto . *Banda de congo Piabas / Irundi do Espírito Santo: educação, ciência e cultura*. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, Vitória, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal. 1989.

SANTOS, Jose Elias Rosa. *Processos Organizacionais, memória e identidade: etnografia e história da transmissão cultural do congo em uma comunidade afro-brasileira do município de Cariacica (ES)*. 2013. 213f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências Sociais UFES). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Universidade Federal do Espírito Santo.

THOMPSON, Paul. *História oral: a voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 388 p.

Recebido em: 6/8/2021

Aceito em: 30/8/2021

Publicado online em: 2/9/2021